

**Veja**

**31/1/1990**

SENA

### **Cadeia da fortuna**

*Numa prisão albergue de Minas, um motorista de bóias-frias planeja como gastar seu prêmio de 8,9 milhões*

No dia 25 de janeiro de 1987, o motorista de caminhão que transporta agricultores conhecidos como bóias-frias Antonio Aleixo Pereira, de 41 anos, provocou uma tragédia no município de Passos, a 355 quilômetros de Belo Horizonte — ao volante de um caminhão desgovernado, ele atropelou e matou o ciclista Reinaldo Marques de Oliveira, que pedalava tranquilamente pelo meio-fio de uma avenida. Embriagado, o motorista fugiu sem prestar socorro à vítima e acabou condenado a um ano de prisão semidomiciliar, que nunca chegou a cumprir. Na terça-feira da semana passada, com a polícia em seu encalço e muitas dívidas para saldar, Pereira recebeu a melhor notícia de sua vida — em seu bolso estava um dos seis cartões premiados da Sena acumulada, que lhe rendeu 8,9 milhões de cruzados novos. Com o dinheiro já aplicado no over, o motorista resolveu se apresentar à Justiça, no dia seguinte, confiando na lógica de que, milionário, não terá dificuldades em contratar os serviços de um bom advogado e ganhar a liberdade. "Garanto que não ficarei preso por mais de quinze dias", disse ele, na quarta-feira, ao cruzar o portão da Casa dos Albergados.

Rico e famoso, desde que chegou ao albergue penitenciário onde é obrigado a passar as noites, Antonio Pereira ganhou uma série de regalias. Na quarta-feira, por exemplo, ele pôde sair para jantar com amigos, dirigindo seu próprio carro, um Corcel 75 que logo substituiu por um Ford Verona zero-quilômetro, e só retornou por volta das 23 horas. Suas tarefas também são mínimas — os outros albergados trabalham para ele na limpeza dos quartos e banheiros em troca de promessas de emprego ou até de dinheiro. Pereira gosta de passar suas noites jogando baralho com os novos companheiros, diante da TV, ou em conversas com o mais instruído dos albergados, Lund Vasconcelos, que cumpre pena por consumo de maconha. Por coincidência, Vasconcelos foi gerente da Lotérica Ponto Treze, onde o motorista cravou seus seis pontos. Mesmo assim, Pereira se arrepende de ter perdido a liberdade condicional, no ano passado, por não cumprir as determinações do juiz Antonio Generoso, da comarca local. Pela lei, ele estava obrigado a seguir uma lista de sete restrições em sua vida diária — não poderia, por exemplo, tomar bebidas alcoólicas ou se ausentar da cidade sem prévia autorização da Justiça. Pereira, no entanto, descumpriu todas as normas e ainda fugiu para Sertãozinho, no interior de São Paulo, onde residem alguns parentes seus, quando a polícia foi atrás dele com um mandado de prisão — por isso o juiz resolveu trazê-lo para a Casa dos Albergados. "Prefiro não reclamar", consola-se. "Sou muito bem tratado aqui", acrescenta.

"TEM QUE SER PENALIZADO" — O motorista Antonio Pereira jogou dezessete cartões da Sena junto com mais três amigos — dois bóias-frias e uma comerciante — e ficou com 50% do prêmio porque apostou mais dinheiro. Enquanto está no albergue, sua maior diversão é fazer planos para o futuro. Os horizontes abertos pela fortuna que a seqüência premiada (1-8-20-24-36-43) lhe deu são tão largos — lhe rendem 250 000 cruzados novos por dia no over — que, às vezes, Antonio Pereira chega a ficar confuso. Ele pretende comprar uma casa de campo nos arredores da cidade para abrigar a mulher e os quatro filhos. Teme, no entanto, ficar sem ter o que fazer e, nessas horas, imagina que poderá querer montar uma empresa agropecuária e até continuar transportando trabalhadores, num velho microônibus, para a Usina Passos, onde presta serviço há vinte anos. "Não tenho grandes projetos", confessa. "Nem mesmo penso em fazer uma viagem à Europa ou aos Estados Unidos."

Na semana passada, o advogado de Pereira, Paulo Regis de Abreu, estava confiante no sucesso de um habeas-corpus que encaminhou ao Tribunal de Justiça, em Belo Horizonte, para que fossem retiradas todas as restrições à liberdade de seu cliente — um réu primário. O motorista, porém, enfrentava problemas em outro campo — os parentes do ciclista morto em janeiro de 1987 contrataram um advogado e vão requerer uma indenização sobre o valor do prêmio, já calculada em 300 000 cruzados novos. "Não estamos interessados em dinheiro", diz José Marques Gonçalves, irmão do ciclista. "Mas o Pereira tem que ser penalizado", completa.

Numa semana em que a Sena distribuiu um prêmio recorde de 107 milhões de cruzados novos, ocorreram festas em vários pontos do país. Na cidade de Guanambi, a 796 quilômetros de Salvador, o sanfoneiro Silas Manezada, de 32 anos, vai dividir uma bolada de 17 milhões com seus dois irmãos, Marcelo e Noel, que contribuíram com dinheiro e palpites para os três cartões que ele apostou. Um deles, Noel, 21 anos, convenceu Silas a incluir o número 24 em seu palpite — coisa que o sanfoneiro não queria fazer por se tratar de um número associado aos homossexuais. Sem maiores informações sobre o mercado financeiro, os irmãos Manezada aplicaram sua fortuna numa caderneta de poupança, que oferece rendimentos bem inferiores aos do over, escolhido pelo motorista Antonio Pereira. Agora, Silas planeja retirar uma parcela do dinheiro para reformar a casa de reboco onde vive com a família. "Vou comprar o que existe de melhor na feira", diz ele.

**(Página 42)**